

- 1 SET 1996

Eleição Presidencial

091
Reportagem 0055

COISAS DA POLÍTICA

■ ROSÂNGELA BITTAR

Tarso Genro é alternativa a Lula

O deputado gaúcho José Fortunati, do PT, é um torcedor enlouquecido do Grêmio. Quando o time conquistou o campeonato da América, sagrando-se ao mesmo tempo vice-campeão do mundo, o mais comedido tributo prestado por Fortunati ao Grêmio foi mudar as cores dos símbolos do PT. Tradicionalmente vermelhas, as bandeiras do partido passaram a ser azuis em Porto Alegre.

E assim a torcida do Grêmio se misturou à torcida do PT, numa simbiose apaixonada que ganhou as ruas da cidade. O que fez Raul Pont, atual candidato do partido à Prefeitura de Porto Alegre, diante de tal manifestação? Denunciou José Fortunati à comissão de ética do PT, sob a acusação de transgressão inaceitável.

Pont é um sisudo de raro sorriso, não tem a metade do *appeal* dos líderes que o antecederam na consolidação do PT em Porto Alegre, mas o eleitorado o prefere a todos os seus atuais adversários. Exibe um índice de aceitação maior do que a soma de todos os concorrentes à prefeitura e demonstra que o PT também usufrui da aspiração do eleitorado em promover a continuidade administrativa.

O que é notável neste caso, segundo registram os políticos que voltam agora seus olhos para esse fenômeno, é o fato de a população ter percebido a excelência de uma administração que apresenta obras, mas não faraônicas ou de efeitos visuais. São as obras do prefeito Tarso Genro, 49 anos, advogado e escritor, intelectual que, com o crescimento político conquistado neste cargo executivo, se credenciou para vãos bem mais altos no PT.

É claro que existem xiitas no PT de Porto Alegre. Mais evidente ainda que ali os adeptos do partido não estão livres do corporativismo exaltado, da opressão sindical ou do sectarismo. Destaca-se, contudo, no que se registra ao Sul, o sucesso do PT voltado para a cidade. Do partido competente para traduzir, na administração pública, as teorias discutidas nos intermináveis encontros de cúpula.

Não só o PT, mas seus adversários de todas as correntes passaram a ver em Porto Alegre, hoje, a consolidação de uma novidade política que havia surgido um pouco antes, na administração de Olívio Dutra, e que adquire agora consistência e importância nacional.

Avaliação que se apresenta até mesmo quando o interlocutor é o presidente Fernando Henrique Cardoso. Há poucos dias, numa projeção do quadro político nacional que poderia resultar das eleições municipais, o presidente reconhecia que, saindo vitorioso, Paulo Maluf aglutinaria as

forças da direita, e a esquerda era preciso prestar atenção ao petista Tarso Genro.

O investimento essencial do atual prefeito contemplou três linhas de ação: prioridade às obras destinadas às classes mais pobres, como saneamento, habitação, pavimentação, cuja execução foi garantida

por um orçamento elaborado com a participação da comunidade; democratizar a máquina pública, instalando conselhos de controle externo para todas as ações de governo; dar a Porto Alegre a perspectiva internacional, em que sobressaiu um relacionamento direto com organismos internacionais capaz de apoiar o desenvolvimento econômico e a integração empresarial.

Cada uma dessas linhas resultou em políticas concretas e obras que agradaram a todos. Teria ali se dado, na prática executiva, os enunciados dos documentos. Ou, como aponta análise feita entre formuladores do partido, Tarso Genro mostrou como se pratica o discurso reformista e renovador do PT. Fez a política universalista, evitou a restritiva. Se credenciou como líder de um novo padrão de cultura política para a esquerda.

Se isso transforma Tarso Genro, desde logo, em candidato do PT à sucessão presidencial de 98, é outra história. Mais complexa e não tão moderna, porque têm a ver os velhos sentimentos que afloram no jogo de vaidades internas dos partidos.

Ali mesmo, em Porto Alegre, está Olívio Dutra, que o antecedeu na prefeitura, em seus calcanhares. Olívio não quis ser candidato a prefeito este ano, reservando-se para a campanha ao governo do estado em 98. Uma opção que seria claramente de Tarso Genro, se houvesse relação disciplinada entre a alternância no poder e o momento em que surgem as opções para o partido. Estaria Olívio, com sua decisão, travando a candidatura Tarso ao governo do estado que, se bem-sucedida, poderia garantir uma proposta realmente viável do PT à Presidência da República no período seguinte.

Mas no PT de Porto Alegre não se estimula ainda o fratricídio, e a definição do candidato ao governo estadual, quando colocada à discussão, é transferida para um diálogo político que só deve se iniciar em março do ano que vem. É público, no entanto, que os dois desejam fazer política no Executivo. Sobra, então, o espaço da candidatura a presidente da República. Todos acham que Lula deve ser o candidato a presidente e, se quiser, será. Lula está dizendo hoje que não quer. Se essa fosse realmente uma decisão cabal, estaria desprovida de fundamento a tensão que se nota na cúpula do PT.

Mesmo que não seja candidato, os movimentos percebidos no seu grupo estão mais direcionados a uma aliança que projete candidatura de outro partido do que à abertura de espaço a novas lideranças do PT. O que é obstáculo de bom tamanho à distensão em Porto Alegre.

Deu-se, em Porto Alegre, a prática executiva dos enunciados teóricos que dominam reuniões de cúpula do PT